

“Mercado vai indicar o deságio adequado”, diz o Citicorp

por José Fucs
de São Paulo

O diretor-superintendente do Citicorp Investment Bank no Brasil, Alvaro Souza, afirmou ontem que a informação divulgada na última terça-feira pelo diretor-executivo de investimento da instituição, Jouji Kawassaki, de que o governo estaria estudando uma nova fórmula de conversão sem deságio nos títulos vencidos da dívida externa, “criou uma controvérsia que não era para criar”.

Souza disse, ainda, que “a lei de mercado é que tem de fixar o deságio” dos títulos a serem convertidos nos leilões. Perguntado de quanto deve ser o deságio, Souza declarou que “quem vai dizer se o deságio é ou não adequado são as forças do mercado”.

Kawassaki havia dito que os grandes bancos credores, como o Citicorp, não teriam interesse em realizar a conversão da dívida externa em capital de risco por causa do deságio e, que a exclusão dos grandes bancos dos leilões de conversão reduziria em cerca de 20 a 30% o volume total de recursos a serem convertidos.

Essas declarações gera-

ram uma dura reação do presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo da Rocha Azevedo, que anteontem ameaçou retirar a instituição do sistema de leilões, caso o governo abrisse exceções nas regras já estabelecidas pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e pelo Banco Central (BC).

O diretor-superintendente do Citicorp evitou pronunciar-se sobre a questão, durante o lançamento do livro “Câmbio e Mercados Financeiros”, patrocinado pelo banco e escrito por seu vice-presidente sênior em Nova York, Heinz Riehl. O livro foi lançado ontem na sede do Citi em São Paulo. Souza alegou que não é o responsável pela área, e limitou-se a afirmar que “a declaração foi tomada de uma maneira literal”, extrapolando sua dimensão.

Souza não quis informar se o Citicorp vai ou não atuar como intermediário no leilão marcado para o próximo dia 29 no Rio de Janeiro ou em nome do fundo de conversão que possui, no valor de US\$ 100 milhões. “Por uma razão de estratégia de mercado não posso dizer nem sim nem não”, afirmou. “Vai depender dos clientes”.